



Adoção como arte dos afetos:



uma perspectiva poética



Organização

Gessica Raquel C. Rodrigues
Yasmin Falcão Bezerra

Ilustração

Gabriela Carlos¹

Autoria

Gessica Raquel C. Rodrigues
Yasmin Falcão Bezerra
Lucas Victor Lemos Germano
Irlany Joise do Nascimento Silva
Paula Andrade de Oliveira Santos

¹ Formanda em psicologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. E-mail: gabrielacarlossoares@gmail.com.

Apresentação

Esta produção é fruto do projeto de extensão “*LAÇOS DO AMOR: grupo de apoio psicológico às famílias adotivas e seus filhos*”, que tem como objetivo desenvolver uma rede de suporte para auxiliar sujeitos adotantes e adotados. O projeto atua junto às causas referentes ao tema da adoção, auxiliando a compreender e lidar com as questões inerentes ao processo de adoção e proporcionando esclarecimentos e apoio profissional.

O projeto atualmente desenvolve trabalhos visando dar suporte psicológico e social as famílias adotivas, crianças e adolescentes acolhidos, bem como as instituições de acolhimento. Assim, as poesias e textos aqui apresentados são frutos das experiências dos extensionistas e da coordenação desse projeto, junto a essas famílias, crianças e adolescentes, com suas diversas histórias e possibilidades que atravessam e tocam aqueles que se envolvem com essa temática.

Deste modo, atuar com a questão da adoção é acreditar nas potencialidades humanas. É permitir-se desconstruir as idealizações sobre o ser ‘família’, sobre o ser filho(a) e ser pai/mãe. É apostar na força do vínculo e do amor mais do que na própria origem biológica. É ainda compreender que laços de amor e de família se constroem, não estando dados. Assim, família é onde há amor, acolhimento, aceitação e cuidado. É disso que esses textos falam: sobre as mais diversas formas de ser família em suas nuances, encontros, desencontros e desconstruções possíveis que a adoção nos proporciona.

Neste caderno poético e de relato de experiências, temos histórias que são frutos da vivência de estudantes e profissionais de psicologia com crianças e adolescentes que passaram por processo de abandono, destituição ou adoção. São as adaptações dessas vivências, trabalhadas literalmente, que aqui expomos.

Gessica Raquel C. Rodrigues

Psicóloga.

A (in)sustentável maternidade

Yasmin Falcão Bezerra²

Quem pariu os teus que balance. Essa frase ecoa na minha mente e me angustia, já que como mulher fui criada para o cuidado: desde pequena cuidando das bonecas e da casa de brinquedo, para então, futuramente, cuidar dos filhos e do lar. Sinto que esse lugar rígido ao qual me foi imposto arranca minhas possibilidades de viver outras vidas e histórias, que eu mesma acreditei em poder escolher. E agora, presa nessa teia de julgamentos, sinto-me encurralada. Tais sentimentos me levam a uma bifurcação que me faz questionar esse lugar imposto e me levando à confusão.



Ouçó a voz gritar novamente: Quem pariu que embale. Mas e se meu propósito for diferente? E se o meu desejo for em outra direção? Sou fadada a carregar a culpa, que aumenta assim como minha barriga me faz evitar espelhos e aceitar minha nova forma. No final, é ainda essa culpa que me corrói a cada contração. Vejo a criança, mas ainda não desejo tê-la ao meu lado. O tão falado instinto materno parece não ter me achado.

Quem pariu Matheus, que o balance. Mesmo depois de seu nascimento, continuo ouvindo os sussurros que me acusam. Mas como balançar sem o desejo de maternar, buscando uma rede para me apoiar, sem suporte financeiro para sustentar e, ainda, ter que enfrentar um monte de rostos a me cobrar aquilo que não consigo ofertar, sabendo que diferente do que me disseram, um outro alguém pode cuidar. Carregada pela culpa e agora invadida pela dor, todos falam que entreguei, mas ninguém reconhece que perdi, ainda que eu tenha escolhido perder.

² Graduada em psicologia. E-mail: yasminfalc@gmail.com.

Novo abandono

Irlany Joise do Nascimento Silva³

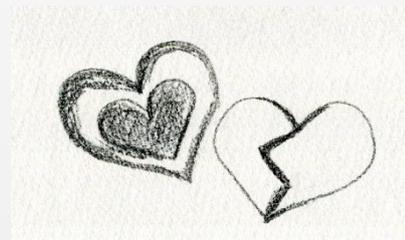
O processo de adoção é cheio de incertezas, euforia com uma pitada de alegria.

Quando essa criança chega a um novo lar ela pode imaginar e fantasiar mil e uma possibilidades. Será que minha família será como nos filmes? Será que terei um quarto só para mim? Será que terei irmãos?

Entre tantos serás, será que alguém explicou pra essa criança que ser família não é sinônimo de perfeição? E a família, será que também idealizou esse filho? Será que ela se preparou para um filho real e não perfeito?

Pois bem, quando se inicia a convivência ajustes serão necessários, da vida da rotina, da visão e percepção sobre materno, paterno e ser filho. É um luto! Para que eu acolha o outro como ele é, será necessário que abandone as minhas idealizações e projetos de como imaginei e desejei que seria.

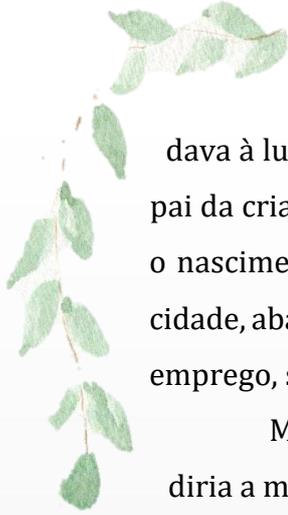
Desafiador, por vezes difícil, para alguns beira o impossível. Aí vêm o momento mais temido: a desistência da adoção. Mas afinal do que desistiu-se? Do filho? Dos laços construídos? E o que fica? Talvez as idealizações, a revivência do abandono pela criança, a descrença no afeto e no ser família. E a conta quem paga e como paga? Bem sabemos, como talvez com o próprio futuro.



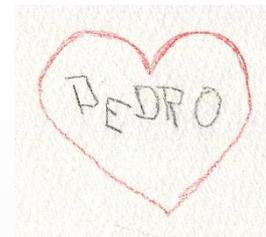
³ Acadêmica em psicologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. E-mail: irlanyjoise@gmail.com.

Outras formas de ser família

Paula Andrade de Oliveira Santos⁴



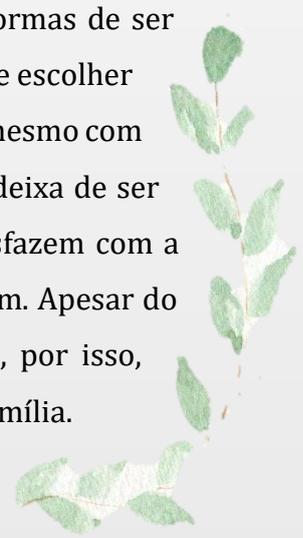
Há alguns anos atrás Maria, com seus 24 anos, dava à luz a um garotinho. Foi um processo solitário, já que o pai da criança não a acompanhou até a maternidade e nem viu o nascimento do bebê. A vida prosseguiu, o pai mudou-se de cidade, abandonou Maria e o filho, e Maria? Se viu mãe solo, sem emprego, sem apoio e com um filho. Nada estranho para uma sociedade patriarcal.



Maria, como tantas outras, reinventou-se como mulher e mãe, como bem diria a música de Milton Nascimento: “Mas é preciso ter força, é preciso ter raça. É preciso ter gana sempre. Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria, Mistura a dor e a alegria”.

Maria encontrou outro modo de ser e viver o ser família, recasou-se, encontrou um companheiro, o Pedro, com uma nova percepção sobre ser família, ser companhia e ainda mais sobre ser pai. Foi um processo de acolhimento e adoção mútua. Maria acolheu os filhos e netos de Pedro, que por sua vez acolheu Maria como esposa e adotou seu filho, como seu. A família reconstituiu-se, reformulou-se e reorganizou-se, mas também cresceu, nascendo mais uma filha, trazendo ela o sentido de completude para essa família.

Ali filhos, netos, pai e mãe aprenderam juntos sobre novas formas de ser família, afinal ser família não é sobre laços consanguíneos, mas é sobre escolher amar, escolher acolher e escolher estar junto. Aprenderam ainda que mesmo com a partida do outro – esse pai chegou a falecer anos depois – não se deixa de ser família e referência, pois o amor, os laços e as memórias não se desfazem com a morte, já que aqueles que partem deixam muito de si pra os que ficam. Apesar do pouco tempo juntos, para essa família Pedro fez e deixou muito e, por isso, continuou existindo em forma de amor para aqueles que se fizeram família.



⁴ Psicóloga. E-mail: pswcsl@gmail.com.

Família como um espaço de abraço da alteridade

Gessica Raquel C. Rodrigues⁵

Éramos dois irmãos. Eu com 9 anos, ela com 6. Orfãos de pai e de mãe. Vivíamos no abrigo há uns 4 anos, com afeto, com cuidado e com amor, mas quase sem possibilidades de ter uma família, assim diziam as estatísticas.



Eles eram Pedro e Jorge: dois homens, um casal e um desejo de serem pais.

O encontro foi marcado, e eu acho que tinha quase tudo para dar errado.

Naquele dia choveu, trovejou e minha irmã Maria até chorou, mas eles não desistiram.

Eles eram brancos, nós negros; eles estavam alegres e a gente estava com medo.

- Será que será dessa vez?! A gente pensava.

E num é que foi, e que é.

João + Maria dava igual a irmãos.

Pedro + Jorge dava igual a casal.

João + Maria + Pedro + Jorge dava igual a família, que é igual ao amor que fomos ensinados. Amar é isso: aceitação.

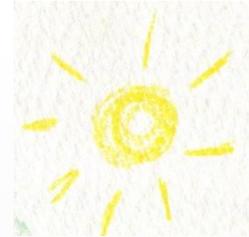


⁵ CRP 17/2859. Especialista em psicologia clínica, especialista em atenção básica e saúde da família, especialista em neuropsicologia e mestre em ciências sociais e humanas.

MEU CORAÇÃO

Lucas Victor Lemos Germano⁶

Eu me chamo Marina, mas na verdade todos me chamam de Mah. Tenho 12 anos e vou te contar a história de como conheci o meu pai. Ele se chama Sol, tem 33 anos e é chefe de cozinha em um restaurante. Ele é alguém calmo, paciente e prestativo.



Na instituição de acolhimento em que eu morava desde bebê, houve uma oficina de cozinha com as crianças. Foi então que vi uma mulher de cabelos longos e camiseta rosa. Perguntei qual era o nome dela, pois a tinha achado muito bonita e simpática. Na hora ela respondeu que era Sol, mas logo descobri que era ele, falando com uma voz fina e aveludada. Na hora me questionei: um homem de cabelo grande, que cozinha? Mas não são as mulheres as responsáveis por cuidar das coisas do lar?

Aquele foi um dos melhores encontros que tive na vida. Eu amei o ter conhecido. Ele nos ensinou como fazer cupcakes e fizemos caldas de chocolate e doces para enfeites que cresciam no forno da cozinha. Na verdade, eu não fazia ideia do que estava crescendo no forquinho do meu coração. Sentia sempre a chegada dele na instituição como uma felicidade, como uma manhã que nasce no mar. Sempre lhe dava um abraço e era muito bem retribuído; logo, nunca fez diferença o que ele fazia, como ele era ou o que ele vestia. No abraço, sentia que o mundo parava e logo senti que ali tinha um lar. Ele sempre era muito acolhedor e legal comigo. Cheguei a achar estranho, pois não tinha muito contato com homens na instituição, já que existiam apenas as tias que cuidavam da gente: nunca tios. Os únicos homens que via eram aqueles homens fardados, com caras sérias e brutas, sempre trazendo ou levando crianças da instituição. Imaginava que fossem policiais.

Certo dia, vi que Sol tinha ido à instituição, mas não vi nenhum dos utensílios de cozinha que ele sempre levava para fazer as delícias. Percebi

⁶ Formando em psicologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. E-mail: lucasvictorr@hotmail.com.

que ele falava em uma sala com Tia Clara, a coordenadora do acolhimento, além de tia Jaci, a psicóloga, que era quem sempre me chamava pra conversar sobre os meus sentimentos. Nesse dia Sol chegou até mim, e me questionou se eu gostaria de ser a sua filha, pois ele gostaria muito de me adotar. Na hora eu achei que eu ia explodir de tanta felicidade. Parecia que eu tinha visto uma luz no fim do túnel. Imagina uma adolescente de 12 anos ganhar uma família! Todos no acolhimento sabíamos que isso era muito difícil e parecia que a tristeza de me sentir sozinha tinha ido embora completamente naquele instante. Depois dali, meu pai me apresentou nossa família e me contou que ela não era de sangue, mas de coração, pois ele conheceu meus tios na faculdade. Meu Tio Lúcio, meu Tio Apolo e o nosso gatinho Vênus, que sempre estão comigo quando papai está no trabalho.

Hoje é meu primeiro aniversário, o primeiro que passo com minha nova família. Terei direito a minha primeira festa, e o tema que escolhi foi “cores”, já que desde que cheguei aqui à vida tem sido, assim, mais colorida. Meu pai me permitiu chamar os novos amigos da escola e os antigos também do acolhimento. Acredito que será muito bom revê-los e poder matar a saudade de cada um. Agora estou aqui, escrevendo uma pequena carta pra ler para meu pai e para os convidados. Sempre achei legal ver as pessoas fazendo isso nos filmes, e resolvi fazer semelhante também. Ela ficou mais ou menos assim:

Querido papai Sol, a você gratidão por iluminar minha vida todos os dias, com seu sorriso, seu abraço apertado e seu amor. Obrigado por me ajudar a reaprender o sentido do que é ser família. Hoje eu sei que família é amar, é cuidar, é estar perto, é respeitar e ouvir, e podemos ser dois, três ou mais, e isso nunca será o mais importante: o amor sim! Aos amigos novos também quero agradecer. Obrigada por terem me aceitado entre vocês, por terem me ajudado nas tarefas que ainda não sabia, por me chamarem para as festas e sempre me fazerem me sentir parte de vocês. Aos meus amigos antigos, gostaria de dizer que não é porque ganhei uma nova família que me esqueci de vocês. Cada um faz parte da minha história e sempre torço que vocês também encontrem o amor em forma de família como eu.